

The background of the entire page is an abstract, high-contrast image of green liquid. The liquid is highly reflective and distorted, creating a complex, swirling pattern of light and dark green tones. The overall effect is one of fluidity and movement, with bright highlights and deep shadows that give the impression of a thick, viscous substance being poured or stirred.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA 2003

**BUDAPEST
FESTIVAL ORCHESTRA**

IVÁN FISCHER

Regente

Telefônica, patrocinadora da
Sociedade de Cultura Artística.

TELEFONIA FIXA
INTERNET
SOLUÇÕES PARA
EMPRESAS
GUIAS DE PRODUTOS
E SERVIÇOS
CONTACT CENTER
PESQUISA E
DESENVOLVIMENTO
ENGENHARIA DE
SEGURANÇA
FUNDAÇÃO

www.telefonica.com.br

Telefonica

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA
2003



**BUDAPEST
FESTIVAL ORCHESTRA**

IVÁN FISCHER
Diretor Musical e Regente

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA



apoio institucional
Prefeitura do
Município de
São Paulo
Lei 10.923/90

promoção



patrocínio

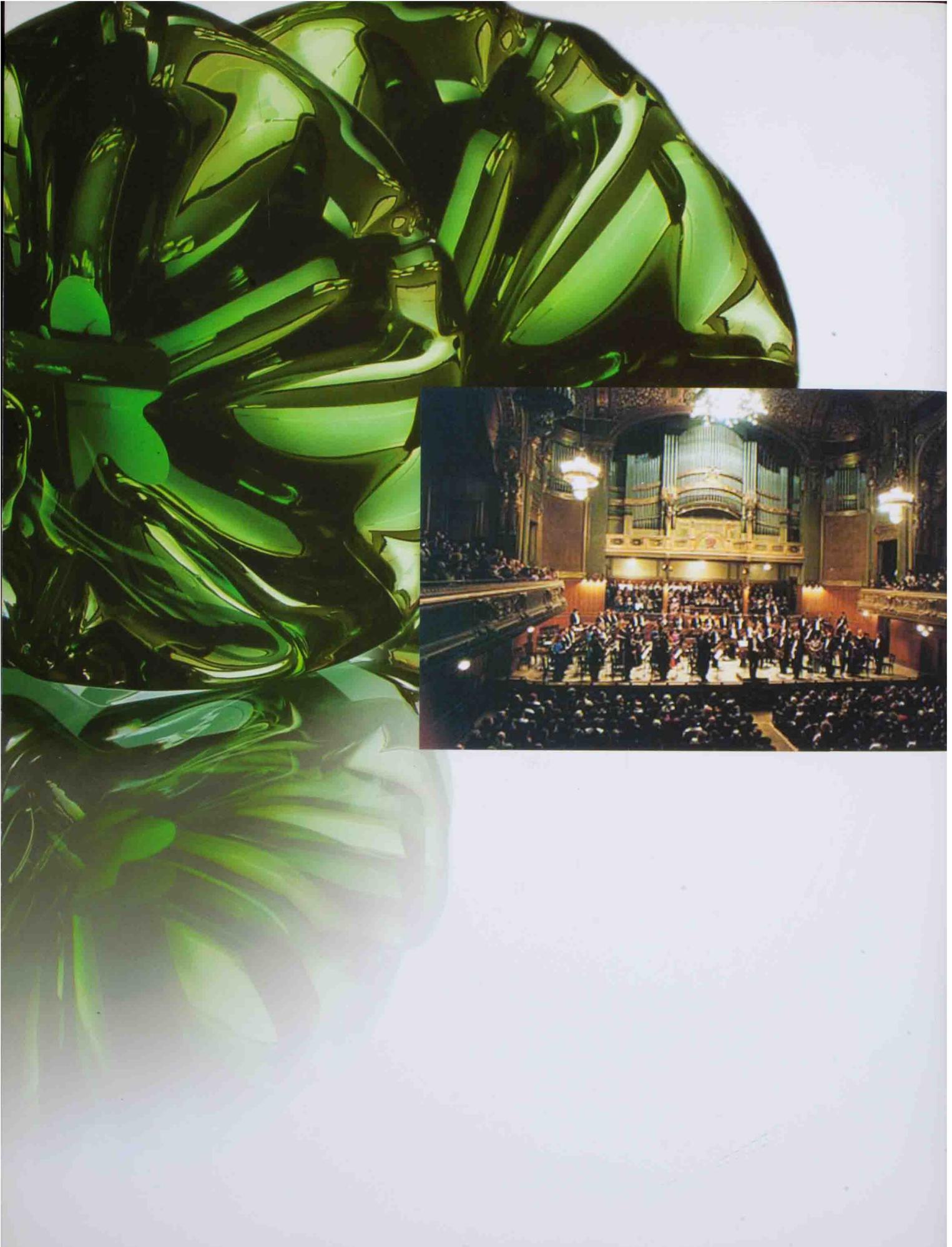
BOVESPA
A Bolsa do Brasil

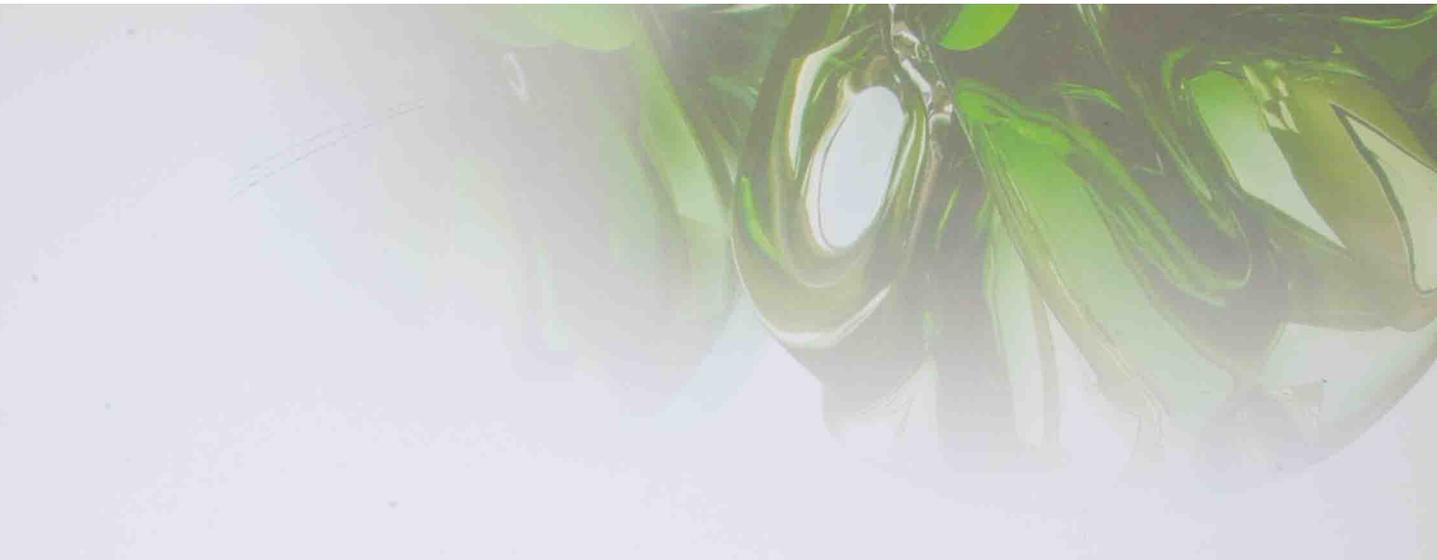
CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia



Telefônica

Votorantim





BUDAPEST FESTIVAL ORCHESTRA

Formada em 1983 por Iván Fischer e Zoltán Kocsis, com a “fina flor dos jovens musicistas húngaros”, na definição do *The Times*, a Orquestra teve como objetivo inicial apresentar três ou quatro concertos anuais em eventos significativos da vida musical húngara, além de dar a Budapeste um novo conjunto sinfônico de nível internacional. Entre os anos de 1992 e 2000, a *Budapest Festival Orchestra* pôde estender sua atuação ao longo de temporadas completas graças à criação da Fundação Orquestra do Festival de Budapeste, constituída por quinze empresas e casas bancárias, e ao apoio da Prefeitura de sua cidade-sede. Desde a Temporada 2000/2001, o município de Budapeste vem patrocinando a Orquestra por meio de um contrato renovável a cada cinco anos.

Além de ter-se transformado em peça vital da vida artística de sua cidade, onde toca regularmente para salas lotadas, a *Budapest Festival Orchestra* tem sido convidada para apresentar-se em importantes eventos musicais, como o Festival de Verão de Salzburgo, os Festivais de Lucerna e Montreux, o Festival Flamengo de Bruxelas, o *Maggio Musicale* de Florença, o *BBC Proms Festival* de Londres e o Festival da Primavera de Praga, e nas mais prestigiosas salas internacionais de concerto, como a *Musikverein* e a *Konzerthaus* de Viena, a *Alte Oper* de Frankfurt, a *Tonhalle* de Zurique, o *Théâtre des Champs-Élysées* de Paris, o *Barbican Centre* e o *Royal Festival Hall* de Londres, o *Concertgebouw* de Amsterdã, a *Accademia di Santa Cecilia* de Roma, o *Carnegie Hall* e o *Avery Fisher Hall* de Nova Iorque, o *Hollywood Bowl* de Los Angeles, o *Suntory Hall* de Tóquio, bem como em cidades como Chicago, São Francisco, Montreal, Hongkong, Berlim, Munique, Madri, Atenas e Copenhague.



Depois de gravar vários CDs para os selos *Hungaroton*, *Quintana*, *Teldec*, *Decca*, *Ponty* e *Berlin Classics*, em 1996 a Orquestra assinou contrato de exclusividade com a *Philips Classics*. Dentre suas gravações para esse selo destacam-se *O Mandarim Miraculoso*, de Bartók (agraciada com o Prêmio *Gramophone* e com os Prêmios de Disco do Ano das Revistas *Diapason* e *Le Monde de la Musique*), e um álbum com a Sinfonia Fausto, de Liszt, e o Concerto para Orquestra, de Bartók (apontado pela *Gramophone* como um dos cinco melhores discos orquestrais do ano).

Dentre os solistas e regentes que já se apresentaram como convidados da *Budapest Festival Orchestra* destacam-se alguns dos principais musicistas de nosso tempo: Georg Solti (que até sua morte foi Regente Convidado Honorário da Orquestra), Yehudi Menuhin, Kurt Sanderling, Eliahu Inbal, Charles Dutoit, Gidon Kremer, Sándor Végh, András Schiff, Heinz Holliger, Agnes Baltsa, Ida Haendel, Martha Argerich, Hildegard Behrens, Yuri Bashmet, Rudolf Barshai, Kiri te Kanawa, Radu Lupu, Thomas Zehetmair, Vadim Repin, Helen Donath e Richard Goode.

A *Budapest Festival Orchestra* tem-se destacado ainda por sua participação em produções operísticas – de *A Flauta Mágica*, *Così fan tutte*, *Idomeneo*, *Orfeo ed Euridice*, *Un Turco in Italia* –, pela apresentação de ciclos sinfônico-orquestrais dedicados a Bartók, Mahler, Brahms e Stravinsky – que vem apresentando em diversas cidades da Europa e nos Estados Unidos – e pela atenção que dispensa à música contemporânea – o repertório do conjunto contempla obras de Ustvolskaia, Eötvös, Kurtág, Schönberg, Holliger, Tihanyi, Doráti, Copland e Adams, bem como registra as estréias mundiais de composições de Jeney, Sály, Lendvay, Vajda, Mártha, Melis e Vidovsky.

Para promover o desenvolvimento artístico de seus musicistas e ampliar seu público cativo, a *Budapest Festival Orchestra* apresenta uma série regular de concertos de música de câmara, destinados ao público infanto-juvenil, implementou a Série Haydn-Mozart, na qual os solistas são músicos da Orquestra, e tem realizado “ensaios abertos”, nos quais Iván Fisher apresenta as obras do programa e que rapidamente conquistaram o público de Budapeste.



IVÁN FISCHER

Diretor Musical e Regente

Húngaro nascido em Budapeste em 1951, estudou piano, violino, violoncelo e composição no Conservatório Béla Bartók de Budapeste e completou sua formação em Viena, onde se formou em regência orquestral sob a orientação de Hans Swarowsky. Ex-assistente de Nikolaus Harnoncourt, com quem colaborou também como cravista, Iván Fischer despontou como um dos mais promissores regentes de sua geração em 1976, em Londres, ao vencer o Concurso de Regência promovido pela Fundação Rupert. Após breve e bem-sucedida carreira internacional, retornou à Hungria, em 1983, para fundar a *Budapest Festival Orchestra*.

Com sua Orquestra, Iván Fischer pôs em prática novos métodos de ensaio e deu especial ênfase à música de câmara e ao trabalho criativo de cada instrumentista. O enorme sucesso alcançado pelo conjunto, que se tornou presença regular nos mais prestigiosos festivais de música da Europa, estabeleceu a reputação de Iván Fischer como um maestro dotado de larga visão e imensa criatividade.

Em 1995 Fischer e a *Budapest Festival Orchestra* assinaram contrato de exclusividade com a *Philips Classics*. Sua discografia inclui premiadas interpretações de obras de Bartók e Liszt, gravações de peças de Kodály e Dvorák e um álbum dedicado às Danças Húngaras de Brahms, nas quais a orquestração de Fischer combina improvisações de músicos ciganos ao som da orquestra sinfônica.



Paralelamente a suas atividades como Diretor Musical e Regente da *Budapest Festival Orchestra*, Iván Fischer tem-se apresentado também como Regente Convidado de conjuntos como a Filarmônica de Berlim, a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, a Sinfônica de Cincinnati (de que é Regente Convidado Principal), as Filarmônicas de Nova Iorque, Los Angeles, Munique e Israel, as Orquestras de Cleveland e de Paris, as Sinfônicas de Boston e Montreal e a *Orchestra of the Age of Enlightenment*. Festejado pela crítica especializada como grande intérprete de Bach, Mozart, Brahms, Mahler e Bartók, Fischer vem-se destacando ainda no repertório operístico, por meio de produções líricas que tem regido em Viena, Zurique, Londres, Paris, Bruxelas, Estocolmo e Budapeste.

Desde a Temporada 2000/2001, Iván Fischer responde pela Direção Musical da Ópera Nacional de Lyon – onde dirige duas novas produções por ano –, cargo que acumula com a Direção Musical da *Budapest Festival Orchestra*. Durante a Temporada 2002/2003, esteve e estará à frente da Orquestra em turnês mundiais que os levarão a diversas cidades da Bélgica, da Alemanha, da Itália, da França, da Holanda, da Áustria, da Suíça, dos Estados Unidos, da Turquia e do Brasil.

Iván Fischer é fundador da Sociedade Mahler da Hungria e Patrono da Academia Kodály da Grã-Bretanha. Por sua contribuição às artes e ao incremento das relações culturais internacionais, recebeu, do Presidente da República da Hungria, a Medalha de Ouro e foi agraciado, pelo Fórum Econômico Mundial, com o Prêmio de Cristal.

BUDAPEST FESTIVAL ORCHESTRA

IVÁN FISCHER

Diretor Musical e Regente

PRIMEIROS VIOLINOS

János Selmeczi, *Spalla*
Violetta Eckhardt
Ágnes Bíró
László Cser
Mária Gál-Tamási
Radu Hrib
István Kádár
Ernő Kiss
Péter Kostyál
Gyöngyvér Oláh
Tamás Zalay
Imola Rajka
Erika Illési
Krisztina Keszler

SEGUNDOS VIOLINOS

Tamás Szabó
Györgyi Czírók
Tibor Gátay
Krisztina Haják
Éva Nádaí
Levente Szabó
Zsolt Szefcsik
Zsuzsa Bitay
Bence Asztalos
József Rácz
Csaba Czenke
Andrea Fenyvesi

VIOLAS

Aida Carmen Soanea
Miklós Bányai
Judit Bende
Cecília Bodolai
Ágnes Csoma
Barna Juhász
Zoltán Fekete
Nikoletta Reinhardt
Nao Yamamoto
Nikoletta Szöke

VIOLONCELOS

Péter Szabó
László Bánk
Lajos Dvorák
György Éder
Gabriella Liptai
György Markó
Rita Sovány
Éva Eckhardt

CONTRABAIXOS

Zsolt Fejérvári
Károly Kaszás
Géza Lajhó
László Lévai
Csaba Sipos
Attila Martos
László Pege
István Tóth

FLAUTAS

Gergely Bodoky
Anett Jóföldi

OBOÉS

Guy Porat
Zoe Kitson

CLARINETAS

Ákos Ács
Gy. László Kiss
László Mayer

FAGOTES

Andrea Bressan
Sándor Patkós

TROMPAS

Zoltán Szöke
András Szabó
Dávid Bereczky
Zsombor Nagy

TROMPETES

Zsolt Czeglédi
Tamás Póti

TROMBONES

Balázs Szakszon
I. Péter Bálint
Sándor Balogh

TUBA

József Bazsinka

TÍMPANOS

Randy Max

PERCUSSÃO

Gáspár Kiss
László Herboly
István Kurcsák

CELESTA E PIANO

Guillermo Garcia Calvo
Vera Kancsár

HARPA

Bea Simon

REGENTE ASSISTENTE

Ariel Zuckermann
Regente Assistente Aprendiz *Ede Donáth*
para as Temporadas 2003 e 2004

Administração da
Turnê Internacional
Harrison/Parrott Ltd

Série Branca

16 de setembro, terça-feira, 21h

IGOR STRAVINSKY (1882 – 1971)

A Card Game (Um Jogo de Cartas)

Rodada I

Introdução

Pas d'action

Dança do Curinga

Valsa – Coda

Rodada II

Introdução

Marcha (Copas e Espadas)

Quatro Variações-solo para as Quatro Rainhas
(Copas, Ouros, Paus e Espadas)

Variação das Quatro Rainhas (pas de quatre) e Coda

Marcha e Conjunto

Rodada III

Introdução

Valsa – Minueto

Presto (Combate entre Espadas e Copas)

Dança Final (Triunfo das Copas)

BÉLA BARTÓK (1841 – 1945)

Tánc Suite (Suíte de Danças)

Moderato

Allegro molto

Allegro vivace

Molto tranquillo

Comodo

Finale: Allegro

INTERVALO

FRANZ SCHUBERT (1797 – 1828)

Sinfonia nº 9, em Dó maior, "A Grande" (D.944)

Andante – Allegretto ma non troppo

Andante con moto

Scherzo: Allegro vivace

Allegro vivace

Série Azul

17 de setembro, quarta-feira, 21h

IGOR STRAVINSKY (1882 – 1971)

A Card Game (Um Jogo de Cartas)

Rodada I

Introdução

Pas d'action

Dança do Curinga

Valsa – Coda

Rodada II

Introdução

Marcha (Copas e Espadas)

Quatro Variações-solo para as Quatro Rainhas
(Copas, Ouros, Paus e Espadas)

Variação das Quatro Rainhas (pas de quatre) e Coda

Marcha e Conjunto

Rodada III

Introdução

Valsa – Minueto

Presto (Combate entre Espadas e Copas)

Dança Final (Triunfo das Copas)

BÉLA BARTÓK (1841 – 1945)

Tánc Suite (Suíte de Danças)

Moderato

Allegro molto

Allegro vivace

Molto tranquillo

Comodo

Finale: Allegro

INTERVALO

FRANZ SCHUBERT (1797 – 1828)

Sinfonia nº 9, em Dó maior, "A Grande" (D.944)

Andante – Allegretto ma non troppo

Andante con moto

Scherzo: Allegro vivace

Allegro vivace

Série Verde

18 de setembro, quinta-feira, 21h

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**

DARIUS MILHAUD (1892 – 1974)

La Création du Monde
(A Criação do Mundo), opus 81.a

ERNÖ DOHNÁNYI (1877 – 1960)

Szimfonikus Percek (Minutos Sinfônicos)

Capricho
Rapsódia
Scherzo
Variações
Rondó – moto perpetuo

INTERVALO

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 – 1827)

Sinfonia nº 4, em Si bemol maior, opus 60

Adagio – Allegro vivace
Adagio
Allegro vivace
Allegro ma non troppo

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2003 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

PRÓXIMOS CONCERTOS

Teatro Cultura Artística

MUSICA ANTIQUA KÖLN | REINHARD GOEBEL

29 de setembro, segunda-feira

Marini Passacaglia do opus 22
Farina Capriccio Stravagante
Legrenzi Sonata em Dó menor
Vivaldi Sonata em Ré menor, opus 1 nº 12
E. dall'Abaco Sonata em Sol maior, opus 3 nº 11
Gallo Sonata a Quatro em Sol menor

30 de setembro, terça-feira

Scheidt Pavane em Lá
Krieger Sonata em Fá maior
Telemann Quarteto em Si bemol maior
Haendel Quatuor em Sol maior, opus 5 nº 4
Bach Abertura nº 5 em Sol menor

1º de outubro, quarta-feira

Hausmann Fugas I e II
Bach A Arte da Fuga, BWV.1080

MANTENEDORES E AMIGOS – 2003

MANTENEDORES

Adolpho Leirner
Adroaldo M. Silva
Affonso Celso Pastore
Alain J. Costilhes
Alberto Martins
Alberto Soares de Almeida (in Memoriam)
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Ermírio de Moraes
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teofilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Junior
Beatriz Botelho Hime
Carlos J. Rauscher
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Cláudio Alberto Cury
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Erico Stickel
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
George Gerard Arnhold
Gerard Loeb
Helio Mattar
Henrique e Eduardo Brenner
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Jorge Diamant
José Carlos Moraes de Abreu
José e Priscila Goldenberg
José E. Mindlin
José M. Pinheiro Neto
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Luis Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria Prudência de V. Resende
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Nelio Garcia Barros
Nelson Zuanella
Oscar Vicente Ferro
Paulina P. Nemirovsky
Paulo Proushan
Plínio José Marafon
Redegas Natural
Roberto e Yara Baumgart
Rosa Maria Z. Rinzler
Ruy e Célia Korbivcher
Sérgio Almeida de Oliveira
Theodoro Jorge Flank
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp
1 mantenedor anônimo

AMIGOS

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Alexandre Rauscher
Alice Alves de Lima
Aluizio Guimarães Cupertino
Aluizio Rebello de Araújo
Amélia de Giacomo
Ana Lucia Moreto Nogueira
Ana Maria L. V. Igel
André Jum Yassuda
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Anna Maria Tuma Zacharias
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Arnoldo Wald
Bruno Musatti
BVDA / Brasil Verde Design
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
César Tácito Lopes Costa
Cláudio Halaban
Cláudio R. Cernea
Dario Chebel Labaki Neto
David Casimiro Moreira
Domingos Durant
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo e Lina Wurzburgmann
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo M. Zobarán
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elias Rocha Barros
Elio Sacco
Elisa Woliniec



**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTISTICA**

Endoclínica de São Paulo S/C Ltda.

Enzio Abruzzini

Fabio Carramaschi

Fabio Konder Comparato

Felipe e Hilda Wroblenski

Fernando K. Lottenberg

Fernão Carlos B. Bracher

Francisco H. de Abreu Maffei

Genuína Lindoya

George Fukui

George Longo

Gerry Lingfield

Giovani Guido Cerri

Hannelore Kersten Wolff (in Memoriam)

Heinz Jorg Gruber

Helcio Ivo Pereira

Heloisa Lourdes Alves Motta

Heraldo Luis Marin

Hilda Mayer

Horácio Leirner

Horácio Mário Kleinman

Ines Lilia R. Braghetto

Izabel Sobral

Jacques Caradec

Jairo Cupertino

Jayme Rabinovich

João Batista Raimo Junior

José Avelino Grota de Souza

José Luiz de Freitas Valle

Kalil Cury Filho

Katalin Borger

Lelena e Sérgio Mindlin

Leon Reitzfeld

Lia Fukui

Lilia Salomão

Lina Saigh Maluf

Livraria Cultura Editora Ltda.

Lucila Pires Evangelista

Lucília Diniz

Luiz Roberto de Andrade Novaes

Marcello Benevides

Marcelo e Rita Secaff

Marco Antonio Fanucchi

Marcos Flávio Correa Azzi

Maria Bonomi

Maria Carolina Brando

Maria de Los Angeles Fanta

Maria Helena de Albuquerque Lins

Maria Malta Campos

Maria Stella Moraes R. do Valle

Maria Tereza Gasparian

Mário Higino N. M. Leonel

Marta D. Grostein

Michelle Luigi Pennavaria

Miguel Juliano

Miguy Azevedo Mattos Pimenta

Milu Villela

Morvan Figueiredo de Paula e Silva

Neli Aparecida de Faria

Nelson Vieira Barreira

Olga Tieppo

Oscar Lafer

Paulo de Tarso C. Opice

Paulo Tomas Diamant

Paulo Yokota

Rafael Jordão Motta Vecchiatti

RCS Corporate Finance

Regina Weinberg

Ricardo Feltre

Ricardo Ramenzoni

Rita de Cássia Caruso Cury

Roberto Bumagny

Roberto Calvo

Roberto Mehler

Rubens Halaban

Rubens Muskat

Rui Fontana Lopez

Ruy George Fischer

Ruy Souza e Silva

Salvador F. Conti

Sérgio Leal Carvalho Guerreiro

Sérgio Nicastrí

Sylvia Kovarick

Tamas Makray

Tarcísio Vieira Ramos

Thomaz Farkas

Thyrso Martins

Ulysses P. Eduardo Jr.

Waldir Lopes Ponçano

Walter Ceneviva

17 amigos anônimos

Lista atualizada em 8 de setembro de 2003

TEMPORADA 2003

abril 7, 9 e 10

NATHALIE STUTZMANN *Contralto*

INGER SÖDERGREN *Piano*

maio 13, 14 e 15

ORQUESTRA DE CÂMARA DE MOSCOU

CONSTANTINE ORBELIAN *Regente*

VLADISLAV LAVRIK *Trompete*

maio 28 – CONCERTO EXTRA-ASSINATURA

COMBATTIMENTO CONSORT AMSTERDAM

JAN WILLEM DE VRIEND *Regente*

JACQUES ZOON *Flauta*

junho 10 e 11 – Sala São Paulo

 **ORQUESTRA SINFÔNICA DE MILÃO GIUSEPPE VERDI**

OLEG CAETANI *Regente*

NELSON FREIRE *Piano*

junho 23, 24 e 25

EUROPA GALANTE

FABIO BIONDI *Violino Solista e Regente*

julho 7, 8 e 9

QUARTETO ALBAN BERG *Cordas*

agosto 18, 19 e 20

ENSEMBLE TM+ *Música Contemporânea*

LAURENT CUNYOT *Regente*

SYLVIA VADIMOVA *Mezzosoprano*

agosto 22 – CONCERTO EXTRA-ASSINATURA – Sala São Paulo

CORO BACH DE MAINZ E SOLISTAS

ORQUESTRA JOVEM DA ALEMANHA

RALF OTTO *Regente*

agosto 25, 26 e 27

ANTONIO MENESES *Violoncelo*

MENAHM PRESSLER *Piano*

setembro 16, 17 e 18

BUDAPEST FESTIVAL ORCHESTRA

IVÁN FISCHER *Regente*

setembro 29, 30 e outubro 1º

MUSICA ANTIQUA KÖLN | REINHARD GOEBEL

outubro 6, 7 e 8

CAMERATA STRUMENTALE CITTÀ DI PRATO

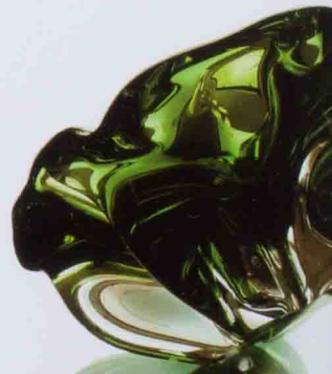
E CANTORES SOLISTAS

ALESSANDRO PINZAUTI *Regente*

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Rua Nestor Pestana, 196 01303-010 São Paulo SP Brasil

Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br





IGOR STRAVINSKY (1882 – 1971)
A Card Game (Um Jogo de Cartas)

Depois de ter escandalizado o mundo musical europeu em 1913, graças ao tom “bárbaro” de *A Sagração da Primavera* e com as posteriores obras de sua chamada “fase russa”, Stravinsky lançou, de maneira inesperada, a estética do neoclassicismo. A partir da década de 1920, passou a compor obras tomando a herança musical do Ocidente como elemento central de suas preocupações. Ora usando “máscaras criativas”, ora empregando verdadeiros heterônimos sonoros, ele assinou muitas partituras nas quais eram justapostos elementos estilísticos pertencentes à História (o Barroco, por exemplo, ou o estilo de Tchaikovsky) e ao século XX (dissonâncias, descontinuidade do discurso e harmonia não funcional). O efeito causado sobre o público, inicialmente, foi o de espanto, por ele se sentir, simultaneamente, em um mundo sonoro que relativizava até mesmo o tempo histórico.

A Card Game, de 1936, pertence ao auge da fase neoclássica de Stravinsky. Partitura bastante alegre e despreocupada, ela nasceu de uma encomenda feita ao compositor pelo recém-formado *American Ballet*, liderado pelo coreógrafo George Balanchine. A música, comunicativa e de forte colorido, é apresentada, em concerto, sem interrupção. Cada uma das três “rodadas” do jogo de cartas é aberta pelo mesmo “sinal sonoro”, espécie de fanfarra festiva na qual são perceptíveis traços de paródia e de um humor que beira o deboche. A partitura contém um texto, aqui resumido:

“As personagens deste bailado são as cartas principais de um jogo de pôquer, disputado sobre o pano verde por vários jogadores. A cada rodada, um curinga malicioso complica as coisas por meio de perfídias sem fim. Ele se crê invencível por causa da sua habilidade de tornar-se qualquer carta desejada. Na primeira rodada, um dos jogadores é batido, mas os outros dois se enfrentam com *straights* de igual valor, embora um seja possuidor do curinga. Na segunda rodada, o jogador que possui o curinga é vencedor, graças a quatro ases que dominam facilmente quatro damas. Vem em seguida a terceira rodada. Dessa vez, trata-se de um combate entre três *flushes*. Embora seja de início vitorioso ante um adversário, o curinga que encabeça uma seqüência de espadas é batido por um *royal flush* de copas, o que põe fim a suas zombarias e espertezas”.

BÉLA BARTÓK (1841 – 1945)
Tánc Suite (Suíte de Danças)

A Suíte de Danças, de 1923, foi a primeira encomenda recebida por Bartók. Isso graças às comemorações do cinquentenário da unificação das cidades de Buda e Pest, para as quais também seriam chamados a colaborar Kodály e Dohnányi. O artista comentaria na ocasião: “A coisa mais fascinante do negócio todo é que o atual cristão Conselho Municipal tenha escolhido precisamente aqueles três compositores húngaros que, nos tempos do governo bolchevique, haviam constituído o Diretório Musical”.

Naquele período, Bartók se encontrava na vanguarda dos acontecimentos musicais da Europa. Ele escrevia, então, obras radicalmente inovadoras, como as duas Sonatas para Piano e os espetáculos *O Príncipe de Pau* e *O Mandarim Miraculoso*. Mas, por tratar-se de obra destinada ao grande público reunido em uma festa cívica, ele concebeu a Suíte de Danças dentro de um estilo menos agressivo, ainda que nem um pouco conformista. Apesar da fria acolhida inicial, a partitura acabaria por se tornar uma das mais populares do compositor. Não por acaso: seus seis movimentos, ora donos de ritmos vigorosos e impactantes, ora de melodias facilmente assimiláveis e de grande beleza, trazem as marcas de um gênio indiscutível.

A fim de denegrir o aspecto de patriotada do festival e de chauvinismo das classes dominantes, Bartók escreveu uma suíte na qual se entrelaçam motivos inspirados na música do folclore rural de vários países, incluindo a Romênia e o universo árabe. Seus três primeiros movimentos estabelecem um crescimento que leva o ouvinte de um andamento tranqüilo a dois outros cada vez mais animados. Eles são separados por duas frases melódicas de lirismo arrebatador, que funcionam como *ritornelli*. Vem, então, uma dança lenta à maneira árabe, no gênero “Mil e uma noites”, que é harmonicamente a peça mais moderna de toda a Suíte. Duas danças de brilho violento encerram a obra. E antes que ela chegue ao final, uma rememoração nostálgica do *ritornello* aflora em meio ao fragor.

FRANZ SCHUBERT (1797 – 1828)
Sinfonia nº 9,
em Dó maior, “A Grande” (D.944)

Vivendo apenas 31 anos, Franz Schubert foi capaz de nos legar um enorme catálogo, nos mais

variados gêneros. Nele, as obras-primas são extraordinariamente freqüentes em todos os domínios (talvez com exceção da ópera). Há todo um universo a descobrir na produção desse gênio só comparável a Mozart, no que tange à fluência da escrita e à beleza embriagadora das idéias musicais. Das canções aos coros, das sonatas para piano às obras de formação ora camerística, ora orquestral, ele sempre nos espanta, encanta e comove no seu permanente jogo de luz e sombra, de modulações imprevistas e de melodias únicas, dessas que vão diretamente ao coração do ouvinte. É imensa a paleta de emoções que a música de Schubert consegue provocar no público, e, descoberta enfim e tardiamente, ela jamais deixou de ocupar um lugar privilegiado no panteão das grandes criações musicais do Ocidente.

Ainda que tenha composto muito para orquestra, sobretudo sinfonias e aberturas, Schubert considerava a sua Nona como a primeira sinfonia da maturidade. Não se sabe ao certo quando ela foi escrita, mas as últimas pesquisas de musicólogos europeus apontam o período 1825/26 como o mais provável para a sua composição. Estreada apenas em 1839, por Mendelssohn, e em versão abreviada, já que os músicos acharam-na difícil e longa demais, hoje ela é pedra-de-toque do repertório sinfônico no mundo inteiro.

Um imponente pórtico concretizado pelas trompas em uníssono é o ponto de partida para essa aventura sonora essencial. O primeiro movimento, em clássica e tocante forma-sonata, fervilha de vivacidade. O andamento lento que vem em seguida é uma lenta marcha onde um tema principal, a cada volta sua, mostra-nos fisionomias diferentes, algumas delas lindamente ingênuas. O *Scherzo*, repleto de temas novos, parece ter sido escrito por um gigante – e não por um baixinho gordo que os amigos chamavam de “Pequeno Cogumelo”. O movimento final, pela monumentalidade que não abole a confissão íntima, coroa essa obra que faz uma rápida alusão à Nona do adorado Beethoven.

DARIUS MILHAUD (1892 – 1974)
La Création du Monde
(A Criação do Mundo)

De ascendência judaica e provençal, o francês Darius Milhaud foi um artista muito curioso, que costumava se encantar com a música dos paí-

ses por onde andava. Passando uma temporada no Brasil, durante a Primeira Guerra Mundial, apaixonou-se por nossa música popular, sobretudo a de Ernesto Nazareth. Depois que a guerra acabou, ele voltou para Paris, levando muitas anotações que lhe inspiraram obras irreverentes como *O Boi no Telhado*, *Saudades do Brasil* e a *Suite Scaramouche*.

Sub-intitulado “balé negro”, *La Création du Monde*, de 1923, nasceu da vontade de “retornar às fontes, às raízes primitivas da arte”, das quais os europeus da época se achavam muito distantes. Segundo rezava a palavra-de ordem do poeta Jean Cocteau, era preciso abandonar o Romantismo (e até mesmo as “névoas impressionistas” de Debussy). Uma “nova simplicidade” era elogiada, e especialmente recomendada era a adoção da música de feira, de circo e de jazz como matérias-primas essenciais da música que se quisesse moderna. Com melodias lineares e harmonias simples (ainda que, aqui e ali, a sobreposição de várias delas ocasione efeitos de politonalidade), para *A Criação do Mundo* Milhaud foi buscar suas cores sonoras e seus ritmos no então recém-descoberto jazz de Nova Orleans. O libreto do espetáculo, do escritor Blaise Cendrars, autor de uma *Anthologie Nègre*, serviu de base à imaginação de Milhaud, que encontrou em outro modernista, o pintor Fernand Léger, o companheiro perfeito para criar o guarda-roupa e os cenários.

Ainda que tenha cinco partes principais, *A Criação do Mundo* é partitura apresentada sem interrupção. A “significação” de cada uma dessas seções só pode ser percebida em sua face extra-musical, na presença de uma real coreografia. Ouvida “apenas” como música, ela encanta pelas melodias saborosas ora dadas ao saxofone, ora à flauta ou ao oboé, por suas escalas “exóticas”, já que inspiradas no jazz da época, pelos efeitos politonais e pelos jogos harmônicos nos quais se misturam humor, sensualidade e um bocado de rebeldia.

ERNŐ DOHNÁNYI (1877 – 1960)
Szimfonikus Percek (Minutos Sinfônicos)

Dohnányi nasceu na atual Bratislava, Hungria, tornando-se pianista de fama mundial. Trabalhando também como compositor, regente e professor, tornou-se notável administrador, que durante longo tempo foi visto como o mais for-



te sustentáculo da vida musical de seu país. Ele continua a ser considerado, ao lado de Liszt, um dos mais versáteis músicos húngaros. Viveu entre Budapeste, Berlim e Londres, partiu definitivamente para os Estados Unidos em 1948 e instalou-se para o resto de sua existência na Flórida.

Se enquanto pianista Dohnányi foi logo reconhecido como um dos mais extraordinários de todos os tempos, o mesmo não aconteceu com a sua veia de compositor. Na verdade, os modelos que escolheu para seguir, no início de sua carreira – Brahms e Schumann –, transformaram-se nos permanentes deuses tutelares de sua veia artística. Assim, jamais abandonando a esfera do Romantismo para expressar musicalmente o que sentia, Dohnányi foi um conservador. A graça do colorido de sua orquestração e as efusivas referências ao folclore de sua pátria tornam as partituras sinfônicas que nos deixou particularmente atraentes. E, ainda que tradicionalista, isso não o impediu de defender com vigor a arte das gerações mais novas representadas por Bartók, Kodály e Weiner.

A obra Minutos Sinfônicos teve uma origem curiosa. Vários anos antes de escrevê-la, em 1924, Dohnányi compusera uma suíte orquestral de cinco peças intitulada *Ruralia Hungaria* (Da Hungria Rural), que explorava a música húngara existente fora das cidades. Ela foi tão bem recebida que o autor usou parte do seu material em dois arranjos para pequenos grupos de câmara.

Em 1933, sob a instigação de sua mulher, a coreógrafa Elsa Galafres, Dohnányi “expandiu” essa antiga suíte, transformando-a em uma obra nova e destinada à dança, Minutos Sinfônicos. Nela tem-se cinco movimentos de curta duração: um Capricho cintilante, uma envolvente Rapsódia que dá atenção especial aos sopros, um *Scherzo* animado, um pequeno ciclo de variações sobre um tema húngaro e um rodopiante Rondó em moto perpétuo.

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 – 1827) **Sinfonia nº 4, em Si bemol maior, opus 60**

O ciclo das nove Sinfonias de Beethoven é unanimemente apontado como o mais importante em seu gênero dentro do panorama da música clássica ocidental. E nesse monumento que desafia o passar do tempo, as obras mais queridas do público são – possivelmente e nessa ordem – a Quinta, a Nona e a Terceira Sinfonia.

E as menos visitadas podem ser as de números pares, à exceção da Sexta, a “Pastoral”. Como as razões do sucesso nem sempre são claras em qualquer domínio musical, só resta ficar dando tratos à bola acerca do porquê de a Quarta ser tão pouco executada, ao lado das de números 2 e 8...

Foi durante o verão de 1806, época do Concerto para Violino, que Beethoven escreveu a sua Quarta Sinfonia. Mostrada publicamente no ano seguinte, em Viena, ela seria considerada “menor” que a obra anterior do mestre, a hoje arqui-celebre Sinfonia “Heróica”. Na verdade, o seu campo expressivo é bem outro.

No movimento inicial, uma enorme e insinuante introdução lenta transforma em beleza o que é expectativa. Uma explosão orquestral leva ao *Allegro vivace* em forma-sonata, onde o tema principal soa raro, por ser assinado por Beethoven, na medida em que bastante alegre. A doçura chega com o segundo tema. O andamento lento levou o febril Berlioz a declarar: “Ultrapassa tudo o que a imaginação mais fervilhante seria capaz de imaginar de ternura e de pura volúpia”. Esse juízo, 160 anos depois de emitido, talvez ainda não soe exagerado. Abandonando o esperado minueto como terceiro movimento, Beethoven o substitui por uma seção de andamento rápido que só se torna mais pacífico em duas instâncias (é por isso chamado de duplo *scherzo*). O movimento final, um *Allegro ma non troppo*, é construído sobre dois temas principais e é espantosamente desanuviado e conciso.

Edição RUI FONTANA LOPEZ

Design gráfico CARLO ZUFFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Textos SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Tradução EDUARDO BRANDÃO

Fotos DIVULGAÇÃO

Assistente de design FREDERICO PERRET

Editoração eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Fotolitos e impressão OESP GRÁFICA



CURSOS CULTURA ARTÍSTICA 2003

SEGUNDO SEMESTRE

JAZZ

ZUZA HOMEM DE MELLO

Curso em 8 aulas

2^{as} feiras, das 20h30 às 22h30

1^o de setembro

Definição • Raizes • Blues • Improviso •
New Orleans • Traditional • Armstrong

8 de setembro

Era do Swing • Chicago • New York
• Armstrong • Henderson • Hawkins • Bix
• Goodman • Ellington

22 de setembro

Final do Swing • Pré Bop • Be Bop
• Basie • Lester • Gillespie • Parker • Monk
• Powell

13 de outubro

Jazz West Coast • Cool Jazz • Hard Bop
• Mainstream • Free Jazz • Brubeck
• Mulligan • Chet Baker • Gil Evans
• Bill Evans • Coleman

20 de outubro

Fusion, Mainstream & Experiences

• Coltrane • Miles • Corea • Hancock
• Rollins • Mingus • The Messengers

27 de outubro

Singers • Armstrong • Bessie • Billie • Ella
• Sarah • Dinah • Peggy • Ray Charles

3 de novembro

Universalidade do Jazz • Jazz e
Música Erudita • Shearing • Django
• Thielemans • Moré • Chucho • Piazzolla
• Salgan • Zé Bodega • Gismonti
• Hermeto • Mantiqueira

10 de novembro

New Generation • Young Lyons,
O Presente • Marsalis • Payton
• Redman • Blanchard • Holland

OITO NOITES NA ÓPERA

J. JOTA DE MORAES

Curso em 8 aulas

4^{as} feiras, das 20h30 às 22h30

Iniciação à compreensão da
Música Clássica do Ocidente.

6 de agosto

**Os vários tipos de vozes
empregados na ópera**

13 de agosto

**A ópera – dos inícios
ao auge do Barroco**

10 de setembro

O Classicismo – de Glück a Mozart

24 de setembro

A ópera romântica italiana

15 de outubro

A ópera romântica germânica

22 de outubro

A ópera nacionalista

5 de novembro

O Verismo e Puccini

19 de novembro

A ópera no século XX

OITO GRANDES COMPOSITORES – SÉRIE II

J. JOTA DE MORAES

Curso em 8 aulas

3^{as} ou 4^{as} feiras, das 20h30 às 22h30

Aspectos da produção de alguns
dos principais criadores da música
ocidental, proporcionando uma
iniciação à poética e ao "fazer"
de oito artistas que se encontram
entre os fundamentais da
História da Música.

12 de agosto, 3^a feira

Vivaldi

2 de setembro, 3^a feira

Haydn

9 de setembro, 3^a feira

Beethoven

21 de outubro, 3^a feira

Chopin

29 de outubro, 4^a feira

Brahms

4 de novembro, 3^a feira

Mahler

12 de novembro, 4^a feira

Schoenberg

26 de novembro, 4^a feira

Villa-Lobos

ATENÇÃO

serão cinco 3^{as} feiras e três 4^{as} feiras



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.

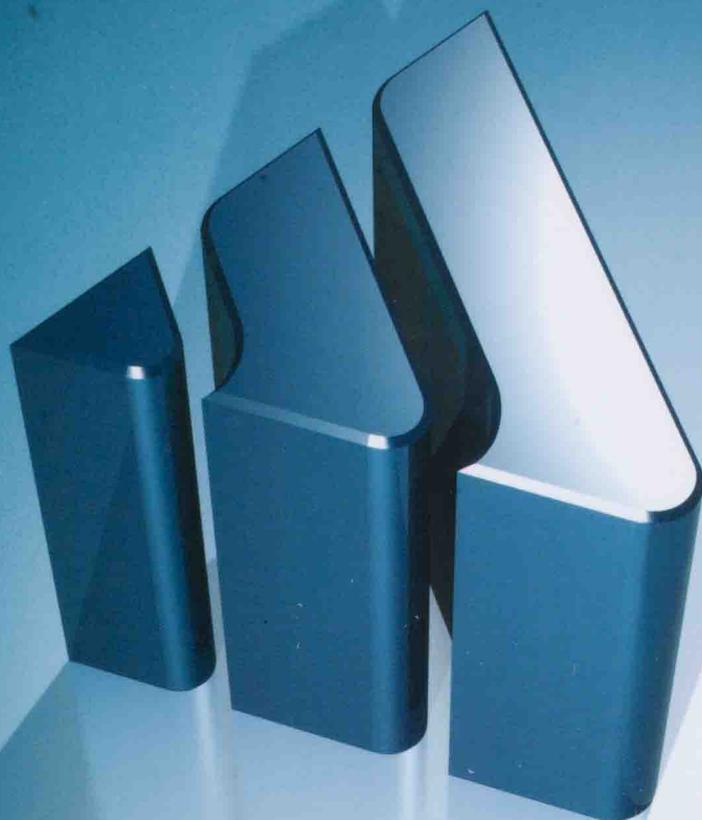


CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia



BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.



Votorantim

www.votorantim.com.br